

ED. 144. ANO 23  
SETEMBRO, 2018

R\$ 49,90



# PRESENÇA

## *pedagógica*

na sala de aula

Organização  
dos Estados  
Ibero-americanos  
Para a Educação,  
a Ciência  
e a Cultura



Organización  
de Estados  
Iberoamericanos  
Para la Educación,  
la Ciencia  
y la Cultura

# E O SUJEITO, O QUE É?

Em debate, a avaliação  
das competências  
socioemocionais

### ENTREVISTA

Psicopedagoga Anita Abed  
aborda as demandas da  
pós-modernidade na escola

### EXPERIÊNCIA

*Expedição Xingu* favorece a  
aprendizagem por meio da  
realidade socioambiental

### EDUCAÇÃO INTEGRAL

Estimular o pensamento  
crítico é papel da escola em  
tempos de modernidade líquida



EDITORIAL

4 A escola em tempo de travessia



ENTREVISTA

6 Sujeitos na escola: em debate, o desenvolvimento das competências socioemocionais



ARTIGO

12 Caminhos da avaliação educacional: a BNCC e o novo cenário da Educação Básica



REPORTAGEM

18 E o sujeito, o que é?



FAZENDO A DIFERENÇA

23 A experiência da *Expedição Xingu*



POLÍTICAS EDUCACIONAIS

26 PNBE: da invisibilidade ao silêncio, uma rota de extinção



TECNOLOGIA & EDUCAÇÃO

30 4ª Revolução Industrial, educação e humanismo



INTERAÇÕES CULTURAIS

33 Estudos da criança na perspectiva histórico-cultural



DEBATE

35 Desafio da escola nos tempos da modernidade líquida: estimular o exercício do pensamento crítico

# SUJEITOS NA ESCOLA: *EM DEBATE, O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS*

**A**s demandas da pós-modernidade se fazem presentes em todos os aspectos da existência humana, incluída a necessidade de um novo olhar sobre a educação, no que diz respeito aos modos de compreender os sujeitos da aprendizagem, a constitutividade e a identidade desses sujeitos, e de uma formação voltada para o desenvolvimento humano. Contribuições advindas de diferentes campos do conhecimento, tais como os da Psicologia Clínica, os da Neurociência e da Psicopedagogia e o campo da Epistemologia buscam traduzir e abordar essas necessidades com vistas à construção de novas experiências pedagógicas, como se pode conferir na entrevista com Anita Lilian Zuppo Abed.

Doutoranda em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, mestre e graduada em Psicologia e pós-graduada em Psicopedagogia e em Neuroeducação, é consultora da Unesco desde 2014. Atualmente é psicopedagoga na Mind Lab Brasil e docente de pós-graduação em Psicopedagogia em várias instituições de Ensino Superior do País. Tem experiência e publicações na área de Psicologia e Psicopedagogia, tanto clínica como institucional, atuando principalmente com os seguintes temas: desenvolvimento humano e processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem, uso pedagógico de jogos e ensino-aprendizagem da matemática.

Arquivo pessoal

**O debate sobre desenvolvimento de competências socioemocionais nas escolas vem ganhando adesão, em diferentes países e por diferentes estudiosos da educação, como diferencial para a preparação dos alunos para a vida no século XXI. Afinal, o que são essas competências?**

As competências socioemocionais dizem respeito a uma série de habilidades que as pessoas precisam desenvolver para lidar de maneira mais eficiente e funcional com as suas próprias emoções, com as emoções dos outros, com os relacionamentos humanos, com a vida em sociedade. Penso que há questões essenciais sobre as quais precisamos refletir para compreendermos por que esse tema está cada vez mais presente nas escolas, nas abordagens teóricas da educação e, inclusive, na BNCC [Base Nacional Comum Curricular]. As competências socioemocionais foram chamadas, inicialmente, de *não cognitivas*.

Quando fui escolhida para redigir o estudo encomendado à Unesco pelo Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC) sobre a promoção do desenvolvimento das habilidades não cognitivas na Educação Básica, iniciei minhas reflexões questionando essa denominação, já que ela traz em si uma concepção cindida de ser humano que é, segundo o filósofo Edgar Morin, própria do pensamento da Modernidade.

Já naquela época (início de 2014), salientei a necessidade de explicitar as mudanças paradigmáticas envolvidas no tema: incluir as habilidades socioemocionais como intencionalidade na escola não é como introduzir uma nova

Anita Lílian Zuppo Abed,  
psicopedagoga e  
consultora da Unesco

“ *Desenvolver habilidades socioemocionais é como aprender a andar de bicicleta: não se aprende por meio do discurso, por meio de teorias* ”

disciplina no currículo. Isso implica uma transformação na visão de homem, de mundo, de sociedade, de conhecimento, de ensino e de aprendizagem. Significa sair de uma concepção linear e fragmentada e caminhar em direção ao pensamento complexo, em rede, multifacetado e repleto de inter-relações, que é próprio do paradigma da Pós-Modernidade, como afirma Morin. Afinal, será mesmo possível cindir o humano em cognitivo e não cognitivo? Em corpo e mente? Por que a subjetividade, a emoção, o lúdico e o corpo foram colocados de lado pela escola ocidental nos últimos séculos, sendo vistos, inclusive, como algo que atrapalha a aprendizagem? Por que se imaginava que o aprender se dá apenas pelo pensa-

mento, pelo cognitivo? Foi com base no princípio da separabilidade e da supremacia da razão que a escola moderna se organizou em disciplinas estanques e se identificou com o propósito de transmitir aos mais novos as “verdades” construídas pelas ciências modernas.

Mas, em pleno século XXI, vivendo em um contexto globalizado, em que somos bombardeados, a cada instante, por um turbilhão imenso de informações, em que as transformações são velozes e constantes, será suficiente uma escola que se responsabiliza apenas pelos estoques cognitivos, pelos “conteúdos programáticos” das diferentes disciplinas? Não! É fundamental preparar as novas gerações para lidar com o inesperado, com o efêmero, com as mudanças, com os novos saberes. Diz Morin que o encurtamento do planeta exige habilidades como tolerância, flexibilidade, respeito ao diferente. Exige competências socioemocionais.

**Considerando que o ser humano desenvolve diferentes modos de estar no mundo, ou seja, suas identidades, ligadas a sua cultura e a sua constitutividade como sujeito humano, é possível padronizar competências socioemocionais sem ferir individualidades? Ou seja, espera-se que a escola desenvolva, em seus diferentes alunos, os mesmos valores, as mesmas atitudes?**

Acredito que este é o maior perigo ao falarmos em desenvolver habilidades socioemocionais: cair em juízos de valor em relação a traços de personalidade que são considerados como superiores a outros. Trabalhei como psicóloga clínica durante 30 anos, e mais de uma vez chegaram ao meu consultório pessoas pedindo ajuda para deixarem de ser tímidas ou tão sensíveis, como se timidez e sensibilidade fossem defeitos, como se ser extrovertido e “estar de bem com a vida” fossem virtudes a

serem alcançadas. Esses são valores que, infelizmente, andam na moda na nossa sociedade. Ser "descolado", "antenado", "alto astral". E é por isso que há tantas pessoas com dificuldades enormes em lidar com a própria dor, com a frustração, com a vida, que é repleta de acontecimentos tanto prazerosos quanto doloridos. Sinto muito, não dá para mudar isso. Diante da dor inerente ao crescer, vemos tantos jovens tirando a própria vida porque não aguentam viver consigo mesmos.

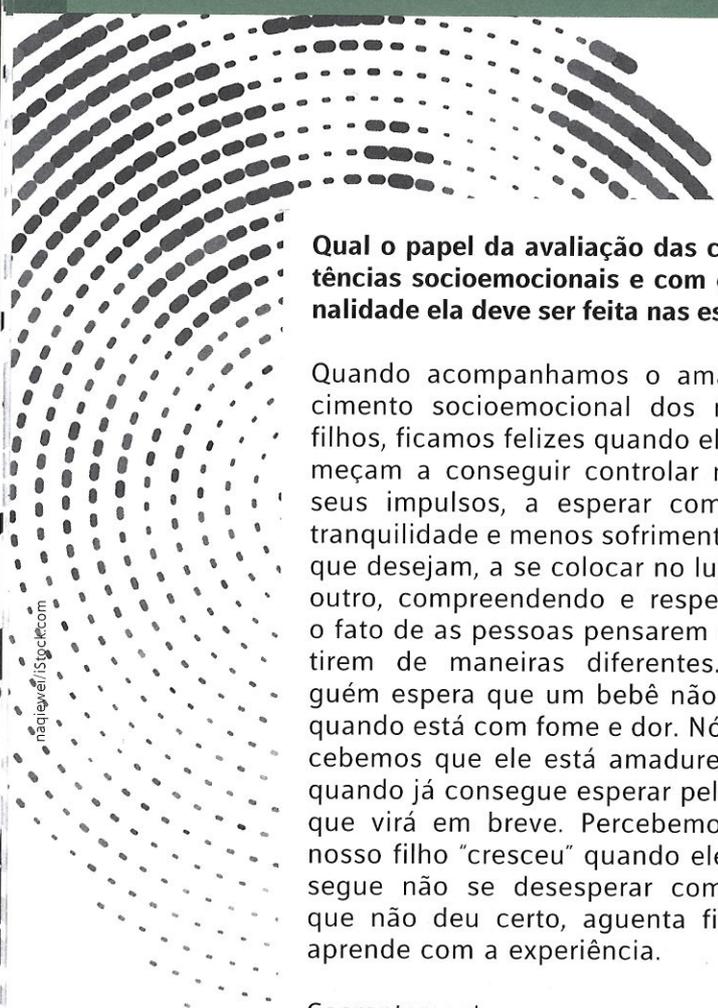
Portanto, é preciso entender que desenvolver habilidades socioemocionais não é deixar de sentir raiva ou frustração, ou deixar de ser tímido ou agitado, mas aprender a lidar com aquilo que se passa dentro de si sem se destruir e sem destruir o outro. É dar um destino funcional às emoções, encontrando soluções que sejam socialmente aceitas e ajudem na construção de uma vida melhor tanto para si mesmo como para o entorno e para a sociedade. É aprender a trabalhar em equipe e sozinho, a viver a alegria e a dor, a insegurança e a sensação de competência, buscando adequar as próprias ações tanto às demandas da realidade como ao seu próprio jeito de ser e de estar no mundo. É desenvolver ferramentas internas para viabilizar a busca de um equilíbrio dinâmico, tanto interno como externo, tanto nas relações consigo mesmo como nas com os outros. Padronizar competências socioemocionais não fere apenas as individualidades: mata também a riqueza da diversidade da raça humana.

### **Quais são os principais desafios envolvidos na promoção das habilidades socioemocionais na escola?**

Penso que o principal desafio é a mudança, em relação à concepção de escola, em todos os sujeitos: professores, alunos, familiares, gestores escolares, autoridades, sociedade em geral. Os

professores são os grandes maestros da cena pedagógica: são eles os responsáveis diretos pelo processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido (sem diminuir o papel dos demais), o principal desafio, a meu ver, é levar adiante um grande e profundo processo de formação dos professores, para que eles possam atuar como mediadores na promoção do desenvolvimento integral de seus alunos e de si mesmos. Como desenvolver no aluno a resiliência (aprender com a dor) se eu mesmo não sei bem o que fazer com a minha própria dor? Como cuidar do outro se eu mesmo não fui ou não estou sendo cuidado?

Desenvolver habilidades socioemocionais é como aprender a andar de bicicleta: não se aprende por meio do discurso, por meio de teorias. Aprendemos a andar de bicicleta andando... e caindo. Desenvolvemos habilidades socioemocionais vivendo situações recheadas de emoções e de relações sociais para, a partir delas, refletir e buscar soluções mais duras e eficientes para os desafios que surgem ao longo da experiência. Fico muito preocupada com propostas "discursivas" e "doutrinadoras" para a escola "ensinar" habilidades socioemocionais. Como diria José Mário Pires Azanha, esse é um tema problematicamente ensinável: requer experiências, vivências significativas que promovam a autorreflexão, o autocohecimento, as escolhas pessoais (e ao mesmo tempo socialmente viáveis) de atitudes, ações, valores, posicionamentos críticos. O que fazer com aquilo que eu sinto? Desculpa, mas não há receita.



**Qual o papel da avaliação das competências socioemocionais e com que finalidade ela deve ser feita nas escolas?**

Quando acompanhamos o amadurecimento socioemocional dos nossos filhos, ficamos felizes quando eles começam a conseguir controlar melhor seus impulsos, a esperar com mais tranquilidade e menos sofrimento pelo que desejam, a se colocar no lugar do outro, compreendendo e respeitando o fato de as pessoas pensarem e sentirem de maneiras diferentes. Ninguém espera que um bebê não chore quando está com fome e dor. Nós percebemos que ele está amadurecendo quando já consegue esperar pelo leite que virá em breve. Percebemos que nosso filho "cresceu" quando ele consegue não se desesperar com algo que não deu certo, aguenta firme e aprende com a experiência.

Coerentemente com as preocupações expressas anteriormente em relação aos perigos da quantificação de habilidades socioemocionais em uma escala de valores, acredito que a melhor avaliação é a qualitativa (e não a quantitativa), buscando apreender o processo de amadurecimento de cada indivíduo na sua capacidade de enfrentamento da vida. Acredito que a avaliação deveria ser mais descritiva, procurando apreender os avanços (e os retrocessos e aspectos estacionários), sempre com um olhar sensível às diferenças individuais dos alunos, além da evolução, ao longo do tempo, na forma de cada um tratar suas próprias emoções, as emoções dos outros e as relações interpessoais.

Para isso, o professor precisaria passar por um processo de formação que lhe permitisse aprimorar o seu olhar e a sua escuta. A avaliação deveria objetivar,

sempre, a ampliação do autoconhecimento (no próprio aluno) e da compreensão do professor em relação aos aspectos subjetivos dos seus alunos. A partir dos dados sugeridos nos processos avaliatórios, o professor poderia traçar estratégias para mediar de maneira mais eficiente o processo de amadurecimento dos estudantes em relação às suas competências socioemocionais.

Mais um aspecto essencial quando falamos em promover habilidades socioemocionais na escola: o *setting* escolar não é, nem deve jamais pretender ser, um local para psicoterapia. A escola não deve se comprometer em tratar as questões emocionais dos alunos, pois, para isso, são necessários profissionais especializados e a configuração do *setting* clínico, que tem particularidades impraticáveis em uma sala de aula. Se o professor, a escola e a sociedade acharem que é sua função "terapeutizar" os alunos, estará fadada ao fracasso. Promoção de saúde psíquica é função da escola, como também a saúde do corpo por meio de uma alimentação saudável e da prática de esportes. Mas, quando há uma doença, é o médico que deve ser procurado, ou seja, quando houver uma questão mais séria do ponto de vista socioemocional, o tratamento deve ser de responsabilidade de um psicólogo ou de um psiquiatra, não da escola.

**Que perfil deve ter uma escola em condições de desenvolver competências socioemocionais na busca de uma educação integral do ser humano? Estamos preparados, em pleno século XXI, para desenvolver nos educandos as competências demandadas por este século?**

No estudo realizado para o CNE, em 2014, aponto dois caminhos para desenvolver competências socioemocionais na escola: a) transformar a prática

onheci-  
a com-  
ção aos  
alunos. A  
proceso-  
ria tra-  
maneira  
madure-  
ação às  
onais.

ndo fa-  
s socio-  
escolar  
der ser,  
cola não  
as ques-  
ois, para  
mais es-  
o *setting*  
des im-  
la. Se o  
le acha-  
tizar" os  
so. Pro-  
ção da  
lo corpo  
audável  
quando  
deve ser  
ver uma  
vista so-  
e ser de  
go ou de

em con-  
etências  
na edu-  
Estamos  
XI, para  
compe-  
éculo?

CNE, em  
para de-  
emocio-  
a prática

pedagógica em todas as disciplinas ministradas; e b) incluir na grade curricular da escola um espaço-tempo dedicado ao desenvolvimento dessas habilidades.

Penso que ainda não estamos preparados para nenhum desses dois caminhos, mas estamos no rumo certo. Somos a geração de educadores que está "no olho do furacão", pois fomos alunos de uma escola que hoje não atende mais às necessidades da sociedade em que vivemos e que queremos mudar. Somos os grandes responsáveis pela construção desse novo fazer pedagógico, um fazer que não tem receitas prontas, que está ainda engatinhando. O fato de estarmos refletindo cada vez mais sobre o tema indica que a mobilização está acontecendo na nossa sociedade. Para esse caminho, não acho que seja necessário haver um certo perfil de escola, mas sim um certo perfil de educador, pois trata-se de mudanças na forma de ensinar e de se relacionar com os alunos e com o conhecimento (que muitas vezes são bastante sutis). A implementação das diretrizes da BNCC na estruturação dos currículos escolares é uma estrada nessa direção, o que implica, como já afirmei anteriormente, um sólido e profundo espaço de formação continuada para o professor.

O segundo caminho – colocar na grade escolar uma disciplina voltada ao desenvolvimento de habilidades – parece-me mais complexo, no sentido de exigir da escola uma flexibilização no seu currículo, uma disponibilidade para abrir um espaço de transformação mais intensa e profunda. As experiências que a Mind Lab vem acumulando ao longo dos últimos 11 anos no Brasil mostram que é possível, sim, mas exige um perfil mais aberto de escola e da rede de ensino do qual ela faz parte (quando se trata do setor público ou

de redes particulares). Envolve transformações nos professores, nos gestores escolares e nos familiares.

**Levando em conta que o desenvolvimento das competências socioemocionais é, além da família e de outras instituições, compromisso da escola, o que precisa ser priorizado na formação inicial e na formação continuada de professores, a fim de se criar uma cultura de avaliação comprometida com essas competências?**

Penso ser fundamental, na formação inicial e continuada dos professores (e dos gestores escolares e equipes técnicas), propiciar sustentação ampla e consistente do ponto de vista filosófico e teórico. Trata-se de uma mudança paradigmática, portanto é essencial refletir sobre as bases conceituais que estão por trás das escolhas didáticas, do planejamento e do fazer pedagógico. Igualmente fundamental é propiciar vivências em que os professores (e demais educadores) possam experimentar em si mesmos o desenvolvimento dessas competências, refletindo sobre elas, instrumentalizando primeiro a si mesmos com ferramentas e recursos que possam utilizar nas situações do dia a dia. Os arcabouços teóricos e práticos advindos da psicopedagogia, o uso de jogos, dinâmicas de grupo e metáforas no processo de ensino, os critérios de mediação de Feuerstein são alguns instrumentais privilegiados para a promoção do amadurecimento socioemocional dos professores, dos alunos e de todos nós. É um grande desafio! E, como qualquer desafio que enfrentamos na vida, pode ser vivido como algo perigoso e assustador do qual se deve fugir, ou como uma oportunidade altamente estimulante de colaborar com o mundo, de deixar a sua marca, de ser autor de algo novo, criativo e inovador. São escolhas... ◇